



## AMAZÔNIA CLAMA PELA SUA VIDA E A VIDA DE SEUS POVOS

Justino Sarmiento Rezende<sup>1</sup>

*O presente tema está sendo muito debatido, visado, rezado, cantado, refletido, estudado e meditado pelos povos originários e pelas pessoas que defendam a vida da Amazônia.*

### O GRITO DA AMAZÔNIA

Nós povos indígenas e demais povos amazônicos temos a consciência da importância da floresta amazônica. Ela é importante não somente para nós, mas para todo o planeta e seus habitantes.

Estamos situados cada vez mais numa Amazônia em crise profunda. Tal crise é provocada pelas modelos agressivos da intervenção humana, com práticas de aproveitamentos de materiais movidas pelas mentalidades extrativistas. A Amazônia conhecida como uma região rica de biodiversidade, de multietnicidade, pluriculturalidade e plurirreligiosidade é desfigurada um dia após outro. Essa realidade é triste.

A Amazônia e seus povos precisam ser um espelho para toda a humanidade. Não basta olhar para a Amazônia como uma região desprezível, mas ela precisa reconhecida como região muito importante para o mundo e para muitos povos. Precisa ser defendida, a partir das atitudes de mudanças estruturais sociais e pessoais, dentro da Igreja e dos Estados nacionais e internacionais.

A bacia amazônica representa para nosso planeta uma das maiores reservas de biodiversidade (30 a 50% da flora e fauna do mundo), de água doce (20% da água doce não congelada de todo o planeta), e possui mais de um terço das florestas primárias do planeta. Também a captação do carbono pela Amazônia é significativa, embora os oceanos sejam os maiores captadores de carbono. São mais de **sete milhões e meio de quilômetros quadrados**, com nove países que fazem parte deste grande bioma que é a Amazônia (Brasil,

---

<sup>1</sup> Membro do povo Utãpinopona-Tuyuka. Salesiano da Inspeção São Domingos Sávio – Manaus. Mestre em Educação (UCDB) e Doutorando em Antropologia Social (UFAM). Membro do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI). Membro do Grupo de Assessoria do Sínodo Pan-Amazônico.

Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela, incluindo a Guiana Francesa como território ultramar).

As riquezas das florestas e dos rios da Amazônia estão ameaçados pelos grandes interesses econômicos que se alastram sobre diferentes regiões do território. Tais interesses concretizam-se na **intensificação do desmatamento indiscriminado** na floresta, na **contaminação dos rios, lagos e afluentes** (*por causa do uso indiscriminado de agrotóxicos, derrame de petróleo, mineração legal e ilegal, e dos derivados da produção de drogas*). Soma-se a tais problemas, o narcotráfico que põe em risco a sobrevivência dos povos que, nesses territórios, dependem de recursos animais e vegetais.

A Amazônia abriga muitos tipos de “Amazônias”. Nesse contexto, é a água, através de suas cachoeiras, rios e lagos, que representa o elemento articulador e integrador, tendo como eixo principal o Amazonas, o rio mãe e pai de todos. Num território tão diverso, pode-se imaginar que os diferentes grupos humanos que o habitam precisavam adaptar-se às distintas realidades geográficas, ecossistêmicas e políticas.

Dadas às proporções geográficas, a Amazônia é uma região na qual vivem e convivem povos diferentes com suas culturas diversas e modos de vida diferentes. A ocupação demográfica da Amazônia antecede o processo colonizador por milênios. Por uma questão de sobrevivência que incluía as atividades de caça, pesca e o cultivo na várzea, até a colonização, o predomínio demográfico na Amazônia concentrava-se às margens dos grandes rios e lagos. Com a colonização e com a escravidão indígena, muitos povos abandonaram suas aldeias e se refugiaram no interior da floresta. Desta maneira, teve início durante a primeira fase da colonização um processo de substituição populacional, com uma nova concentração demográfica às margens dos rios e lagos.

## **VIOLÊNCIAS E AMEAÇAS**

Na região Amazônica vemos violências em todos os níveis e de várias formas: intolerância, narcotráfico, tráfico de pessoas e exploração de crianças e adolescentes sexual e laboral. As famílias são continuamente desintegradas.

O modelo capitalista aposta na financeirização da natureza. Aumenta o agronegócio e a utilização de agrotóxicos. Para tais investimentos há aumento de expropriação das terras, em especialmente, dos povos indígenas. Os recursos da natureza se tornam em mercadoria, mercantilizam a Amazônia, exploram os recursos naturais. Provocam o desmatamento das florestas, implantam atividades de mineração, provocam a poluição dos ambientes e produção de lixo.



Os grandes projetos desenvolvimentistas destroem a natureza, pois para os povos amazônicos esses lugares são importantes. Por isso, dizemos que tais destruições atingem a própria pessoa, suas culturas, suas identidades. A ambição desmedida dos poderosos e políticos violam as terras indígenas demarcadas e impedem outras demarcações de terras dos indígenas, quilombolas, ribeirinhos... As terras indígenas são cobiçadas, por elas serem conservadas existem as florestas, os minérios e outras riquezas.

As violências aos direitos humanos expressam-se na ausência total de políticas públicas, aumentando o descaso à saúde e à educação. Nos centros urbanos e nas comunidades do interior dos estados não chegam o saneamento básico, por isso, muitos são forçados aos deslocamentos de suas comunidades de origem. Em grandes centros urbanos os povos indígenas são invisibilizados. Muitos vivem reféns de trabalhos escravos e outras se tornam dependente de drogas.

## **SÍNODO DA AMAZÔNIA – UMA VOZ PROFÉTICA**

A convocação do Sínodo é fundamentalmente profética. O Papa Francisco convoca para que a Igreja possa ir aos mais pobres, aos excluídos. E, convoca para que possa abrir novos caminhos no processo de evangelização e no cuidado da Ecologia Integral. Ele também aponta que os novos caminhos devem ser construídos a partir da Escuta aos povos originários da Amazônia, escutar o grito das populações, da Igreja e grito do território, da floresta, rios, água.

O Papa Francisco disse que nunca como agora as populações indígenas, os ribeiros da Amazônia e o território estiveram tão ameaçados como hoje. Ameaçados de destruição, de devastação. Por isso, é necessário ouvir de perto e não somente de longe, ouvir a descrição do que é a Amazônia e o que eles são como povos. Escutar o que eles querem dizer para a Igreja, escutar seus sonhos, seus sofrimentos, suas histórias. Escutar diretamente deles como os projetos desenvolvimentistas ignoram e não respeitam as comunidades e os seus territórios. E, a Igreja precisa dar resposta, defender a vida humana e do território.

A Igreja não pode errar na Amazônia, não pode perder a Amazônia. A Igreja deve se tornar defensora dos povos, não de qualquer jeito, mas com rosto amazônico. A Igreja precisa ter coragem de formar o clero autóctone, religiosas (os) e líderes do lugar para que eles mesmos se assumam o papel de interlocutores principais em diversos níveis.

Na Amazônia, a Igreja deve ganhar um rosto indígena e amazônico. Ao mesmo tempo a Igreja deve uma advogada dos territórios amazônicos, que mais do que nunca está sendo degradado por todos os projetos extrativistas, seja do governo, seja de empresas particulares que estão devastando demais com o grande risco de perdermos a Amazônia como floresta. Isso seria um desastre total para o planeta. Sobretudo hoje entre a crise ecológica e a crise climática muito grave e urgente.

Para assumir seu profetismo e compromisso a Igreja precisa se tornar capaz e motivada para ser uma Igreja mais presente, próxima do povo e partilhar a vida com eles, partilha a vida cotidiana das comunidades. Não basta só denunciar e dizer que isso está mal na Amazônia. Antes de tudo tem que ter um compromisso, principalmente de acompanhar as vítimas das explorações irracionais dos recursos da natureza e que ofendem gravemente a Deus e a dignidade da pessoa humana.

Esses compromissos requerem das pessoas a conversão radical do coração. Cada pessoa precisa acreditar que pode e tem condição de contribuir com a mudança da situação em que se encontra a Amazônia e seus povos. Há necessidade de ver a outra pessoa como importante, como presença de Deus, como um mistério. Laudato Si nos apontava que a nova compreensão da alteridade deve nos levar a reconhecer a mãe terra, como verdadeira irmã, como outro ser que nos interpela, como o outro que nos dá sentido, como o outro que cada um precisa cuidar, como prova do compromisso com a nossa própria vida.



A Igreja se realmente ama os povos amazônicos precisa falar com valentia, falar a palavra justa e atuar com coragem. Fazer com que a mudança aconteça, mudança interior, reconhecimento do outro, dos pobres, empobrecidos, a irmã-mãe terra e os povos originários como os empobrecidos, excluídos.



Todos esses desafios devem ser assumidos em conjunto, em Redes. Por isso, pela influência da REPAM estão se criando Redes irmãs no Congo, Rede Eclesial da Bacia do Congo; a América Central também está se organizando; região do Pacífico, Filipinas e outras regiões, também. Há perspectiva de começar com os povos originários da América do Norte; Europa também está começando a pensar nas Redes.



Finalmente, cabe-nos dizer que a Amazônia não é importante somente para os povos amazônicos, mas é importante para todos os povos de todos os continentes.